



CADERNO DE RESUMOS DO
**I SEMINÁRIO DO GRUPO DE PESQUISA
LINGUAGEM E MÍDIA ACESSÍVEL**

ATIVIDADE INTEGRANTE DO II CICLO DE ATIVIDADES
SOBRE ACESSIBILIDADE NA COMUNICAÇÃO
E NA CULTURA

06 e 07 de novembro de 2023

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC)
Unesp Bauru

ORGANIZAÇÃO:

Grupo de Pesquisa
Linguagem e Mídia Acessível
GELIMA

APOIO:



Seminário do Grupo de Pesquisa Linguagem e
Mídia Acessível - Gelima (1. : 2023 : Bauru)
Caderno de Resumos [recurso eletrônico] / do I
Seminário do Grupo de Pesquisa Linguagem e Mídia
Acessível - Gelima, Bauru, 06-07 nov. 2023 ;
organizado por Suely Maciel e Guilherme Ferreira de
Oliveira. - Bauru : UNESP/FAAC/Departamento de
Ciências Humanas, 2023
32 p. : il.

Disponível em: <http://>
ISBN 978-65-88287-16-3

1. Acessibilidade. 2. Comunicação. 3. Deficiência.
I. Maciel, Suely. II. Título.

ORGANIZADORES

Suely Maciel (Biblioteca Falada/Gelima/DCHU/FAAC)

Guilherme Ferreira de Oliveira (Biblioteca Falada/Gelima)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Aislan Leonardo Estanislau Pereira (Biblioteca Falada)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Aislan Leonardo Estanislau Pereira (Biblioteca Falada)

Ana Carolina Rocha dos Santos (Biblioteca Falada)

Anna Caroline Garcia Resende (Biblioteca Falada)

Bárbara Lopes Francisco (Biblioteca Falada)

Bianca Luísa Sousa dos Santos (Biblioteca Falada)

Gabriel Almeida Anunciato (Biblioteca Falada)

Guilherme Ferreira de Oliveira (Biblioteca Falada/Gelima)

Maria Teresa Dias Lima (Biblioteca Falada)

Sophia Garcia Gonzaga (Biblioteca Falada)

Suely Maciel (Biblioteca Falada/Gelima/DCHU/FAAC)

DOCENTES COLABORADORES

Sandra Eli Sartoreto de Oliveira Martins (FFC/Unesp Marília)

Flávia Piva Almeida Leite (DCHU/FAAC)

Leila Maria G. Felipini (Unisagrado)

AUTORES

Amanda Cristina Trentin

Amanda Menezes Farias de Souza

Ariadne Botechia

Arthur Elias Marim

Beatriz Magalhães Guimarães Silva

Claudia Mialichi

Felipe Oliveira Cavalieri

Gabriel Andrade Domingues Rezende

Gabriela Alcantara Teixeira

Gabriele Lauriano Silva

Guilherme Ferreira de Oliveira

Guilherme Mori Magalhães

Jaqueline Costa Castilho Moreira

José Roberto Escarabello Junior

Leila Maria Gumushian Felipini

Lúcia Pereira Leite

Maria Eugênia Porém

Mariana Gonçalves da Silva

Maria Rita Terra Pereira

Roseane Andrelo

Suely Maciel

Jornalismo comunitário e Leitura Fácil: tecnologia assistiva e acessibilidade à comunicação e à informação feita com e para a comunidade

Gabriel Andrade Domingues Rezende¹

Introdução

O jornalismo comunitário é uma abordagem comunicacional cujo objetivo é fazer um jornalismo sobre, para e a partir das periferias. A sua produção é pautada na visibilização das histórias dos moradores das comunidades, nos problemas e na realidade locais, nas características dos espaços, nas interações e interlocuções com a cidade e todos os aspectos que envolvem a vivência dos sujeitos fora do 'centro' geográfico, político e cultural, visando à desconstrução de estereótipos sobre as periferias.

O fazer jornalístico que funciona a partir de uma comunidade, sobre esse território, deveria ser a essência de todo tipo de jornalismo, ou seja, informar a sociedade com responsabilidade e discutir assuntos de interesse público, estimulando a reflexão (Siqueira, 2016). De acordo com Aranha (1998), a identificação com os temas veiculados nos jornais, bem como com a linguagem e a terminologia, são pré-requisitos para a compreensão e uma comunicação efetiva. "O jornalismo para ser comunitário deve ter uma função social bem definida, e a representação dessa sua ação própria está na democratização da informação com eficácia para que o cidadão possa compreender a realidade que o cerca, aprimorar seu pensamento analítico e sentir-se integrado pela sua capacidade de pensar no coletivo e não só no individual (...)" (Aranha, 1998, p. 17).

Essa democratização do acesso à informação e à comunicação passa pelo agendamento do debate público pelo jornalismo, pela diversidade no enfoque das pautas e pela multiplicação e diversificação dos atores que ele visibiliza e legitima, mas não somente aí: ela se efetiva também na maneira como os conteúdos são publicados, o que afeta diretamente a forma de seu consumo e os sentidos comunicados. Está-se falando, nesse caso, da garantia à acessibilidade, ou seja, à possibilidade de fruição plena, independente e autônoma de todas as produções simbólicas, no campo da educação, da cultura, da mídia etc., por todas as pessoas, sem discriminação de raça, gênero, idade, condição socioeconômica, nível de instrução, deficiência, neurodiversidade ou qualquer outra característica humana.

No caso da produção jornalística, as adaptações razoáveis e as tecnologias assistivas são importantes aliadas na transformação dos textos em produtos acessíveis para todos. Dentre essas estratégias, recursos e metodologias que visam garantir o acesso à comunicação e à informação, o sistema de Leitura Fácil (Lectura Fácil, do original em espanhol) é um aliado.

¹ Graduando em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. gabriel.rezende@unesp.br

De acordo com Rubio Pulido (2018), Leitura Fácil é um recurso que visa tornar mais acessível qualquer texto escrito, mediante a utilização de uma linguagem clara, direta e simples. Nessa ferramenta de acessibilidade cognitiva, é possível empregar também apoios visuais e/ou auditivos, como imagens, desenhos, áudios e vídeos.

Diante do exposto, propõe-se a realização de uma pesquisa bibliográfica com o intuito de identificar, sistematizar e discutir os princípios e as características da Leitura Fácil, a fim de compreender de que maneira essa tecnologia assistiva pode dialogar com a comunicação comunitária para a produção de textos jornalísticos acessíveis para todos. Considerando que a metodologia de Leitura Fácil é praticamente desconhecida e pouco estudada no Brasil, busca-se reunir referencial teórico com o objetivo de propor modelos de aplicação desse recurso em comunicação midiática comunitária.

Percurso metodológico

Para atingirmos os objetivos do trabalho, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório-descritivo, e a sistematização de conceitos e fundamentos sobre Leitura Fácil e jornalismo comunitário. A sistematização será obtida a partir do material bibliográfico reunido, o qual pode incluir livros, periódicos, teses, coletâneas, manuais, artigos, etc., em língua portuguesa, espanhola e/ou inglesa.

Resultados e discussão

Neste momento, o projeto encontra-se em sua primeira fase: estabelecimento de uma base referencial-teórica acerca dos temas pertinentes à pesquisa (método de pesquisa bibliográfica, comunicação e acessibilidade, tecnologias assistivas e recursos de apoio, deficiência e inclusão).

Considerações finais

Como a pesquisa está em andamento, os próximos passos são: seleção do material bibliográfico objeto da pesquisa; leitura exploratória e seletiva; leitura reflexiva e interpretativa do referencial-teórico; síntese integradora do material; discussão dos resultados; e elaboração do relatório final.

Referências

ARANHA, Angelo Sottovia. **A função do jornalismo comunitário hoje**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós Graduação em Comunicação. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista. UNESP. Campus de Bauru, 1998.

PULIDO, Milagros. **Lectura fácil: un modelo de diseño para todos**. 2018. Disponível em: <https://enmarchaconlastic.educarex.es/224-nuevo-emt/atencion-a-la-diversidad/3002-lectura-facil-un-modelo-de-diseno-para-tdos#Pautas>. Acesso em 24 de maio de 2023.

SIQUEIRA, J. H. S. Jornalismo comunitário: configuração e constituição discursiva de gêneros. **Unifal em Pesquisa**. São Paulo, v. 6, n. 4, p. 94-111, out/2016

Hábitos de consumo de informação de viagens e turismo por pessoas com deficiência visual na Espanha

Suely Maciel²

Introdução

As práticas de turismo e viagens têm fundamental importância social e cultural, dado o desejo humano de conhecer (Forneas Fernández, 2004) e de escapar da rotina cotidiana (Krippendorf, 2009), fazendo do turismo relevante impulsionador da troca mútua entre sujeitos e culturas e fator de crescimento pessoal.

Esse permanente interesse humano reflete-se no segmento das publicações especializadas, que reúne milhares de sites, revistas, programas de televisão, blogs, vlogs etc., uma vez que a comunicação interpessoal e a mediada são essenciais na escolha de destinos e no planejamento de viagem, baseados em dados prévios sobre atrativos e serviços (Domínguez Vila; Alén González; Darcy, 2020).

Em vista desse cenário, o objetivo é realizar um levantamento do repertório informacional e dos hábitos de consumo das pessoas com deficiência visual na Espanha³, considerando as necessidades específicas destas para acessar informação especializada no segmento. Afinal, esse público busca planejar as viagens com antecedência, para minimizar riscos e conferir mais segurança e tranquilidade à jornada (Buhalis et al., 2005; OMT, 2015). Além disso, as informações de viagens na mídia aparecem como fontes cada vez mais importantes, principalmente na motivação para visitar um destino e no consumo de serviços turísticos (Hanusch; Fürsich, 2014). Todavia, a falta de acessibilidade à comunicação, que afeta substancialmente as pessoas com deficiência visual, dificulta desde o planejamento até a experiência no destino (Hernández-Galán, 2017).

Percurso metodológico

Para o levantamento, trabalhou-se com a Teoria do Repertório Informacional (Hasebrink; Hepp, 2017; Haage, 2020), que consiste em pesquisar as preferências de consumo de gêneros e formatos por parte do público, bem como as condições e o contexto desse consumo, uma vez que estes atuam na eleição das fontes de informação e na construção do repertório informacional dos usuários. Aplicou-se questionário online

² Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. suely.maciel@unesp.br

³ Este levantamento é parte de um estudo maior, realizado em 2021/2022, que analisou a acessibilidade em programas de televisão, blogs e sites espanhóis específicos, selecionados justamente a partir do presente mapeamento (Processo Fapesp 04288/2020).

estruturado em quatro partes (Apresentação, Dados socioeconômicos, Planejamento de viagens e excursões, Fontes de informação utilizadas), com 15 questões objetivas e 6 discursivas.

Resultados e discussão

A aplicação do instrumento resultou em 431 respostas. A maioria esmagadora dos respondentes (78,6%) viaja ao menos uma vez ao ano, sendo que 38,4% viajam ao menos três. Dos que viajam, 70% dizem que sempre/frequentemente planejam as viagens e que realizar o levantamento de informações prévias sobre o destino, os produtos e serviços é muito importante/importante (91%).

Os meios mais utilizados são o digital/ internet (em especial sites e redes sociais), com 446 menções⁴, seguido da radiodifusão (rádio e televisão, com 135 menções) e do impresso (108 menções), sendo que os buscadores, como Google e Bing, são os canais mais acessados, seguidos de sites públicos (prefeitura, secretaria de turismo e centro de informação turística), agregadores de ofertas (como Booking, Trivago e TripAdvisor), publicações impressas e/ou digitais de agências de viagens e, por fim, programas de televisão e de rádio. Em geral, a maioria dos respondentes utiliza software leitor de tela, ampliadores e lupas, como tecnologias assistivas.

Apesar da miríade de fontes de informação, 61% dos respondentes admitem que não conseguem sozinhos obter os dados de que necessitam ou realizar as ações de compra, por isso recorrem à ajuda de alguém próximo e/ou de agências de viagens, quando não simplesmente transferem a tarefa para que outra pessoa a realize. Isso vai ao encontro do fato de a acessibilidade nos canais geralmente utilizados ser maciçamente avaliada como ruim/baixa/inexistente/insatisfatória (661 menções a esse aspecto).

Considerações finais

A pesquisa revelou que as pessoas com deficiência viajam e consideram a obtenção de informações essencial para o planejamento das atividades de turismo. Mostrou também o vasto universo de publicações consumidas, que inclui programas de rádio e televisão, sites, blogs, jornais, revistas e perfis em redes sociais, apesar de buscadores e agregadores de conteúdo e serviços terem sido indicados, com supremacia absoluta, como canais de comunicação a que mais se recorre.

O acesso às informações é dificultado ou totalmente inviabilizado pelas barreiras à comunicação, como ausência de audiodescrição em vídeos e de descrição em imagens, páginas não navegáveis com leitor de tela e outras.

O levantamento, portanto, permitiu identificar preferências e o contexto em que se dá a eleição das fontes de informação, com dados sobre tecnologias assistivas utilizadas, experiências de acesso e a construção de um conjunto de referências, como se espera alcançar com um estudo de hábitos de consumo.

⁴ Os respondentes podiam fazer menção a mais de uma variável, em algumas questões.

Referências

- BUHALIS, D., MICHPOULOU, E., EICHHORN, V., MILLER, G. **Accessibility market and stakeholder analysis - One-Stop-Shop for Accessible Tourism in Europe (OSSATE)**. Surrey, United Kingdom: University of Surrey, 2005.
- DOMÍNGUEZ VILA, T., ALÉN GONZÁLEZ, E.; DARCY, S. Accessibility of tourism websites: the level of countries' commitment. **Univ Access Inf Soc**, n. 19, p. 331–346, 2020.
- FORNEAS FERNÁNDEZ, M. ¿Periodismo o Literatura de Viajes? **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, Madrid, v. 10, p. 221- 240, ago./set. 2004.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3 ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph, 2009.
- HAAGE, A. The Information Repertoire of People with Disabilities. In: ANTONA, M.; STEPHANIDIS C. (eds) **Universal Access in Human-Computer Interaction**. Applications and Practice. HCII 2020. Lecture Notes in Computer Science, v.1, 12189. Springer, Cham., 2020. https://doi.org/10.1007/978-3-030-49108-6_26
- HANUSCH, Folker; FÜRSICH, Elfriede (eds.). **Travel journalism**: exploring production, impact and culture. London: Palgrave MacMillan, 2014.
- HASEBRINK, U.; HEPP, A.: How to research cross-media practices? Investigating media repertoires and media ensembles. **Convergence**, v. 23, n. 4, p. 362–377, 2017.
- HERNÁNDEZ-GALÁN, J. (coord.). **Observatorio de accesibilidad universal del turismo en España**. Madrid: Fundación Once/ Ilunion, 2017.
- OMT Organización Mundial del Turismo. **Manual sobre Turismo Accesible para Todos**: Principios, herramientas y buenas prácticas – Módulo II: Cadena de accesibilidad y recomendaciones. Madrid: OMT, 2015.

Tour 360 - Uma tecnologia de comunicação para o turismo acessível

Felipe Oliveira Cavalieri⁵

Introdução

Este trabalho busca estudar e descrever o processo de desenvolvimento técnico e científico para criação de "Tours Virtuais 360 acessíveis", principalmente para pessoas com deficiência. O objetivo desse tipo de adaptação razoável é contribuir para a redução das barreiras midiáticas dos espaços de interesse turístico como museus, monumentos e outros pontos de interesse turístico conforme descrito no estatuto da pessoa com deficiência.

O Tour Virtual 360 acessível é uma mídia digital, por definição, conforme é possível constatar nos estudos do canadense Marshall McLuhan, expoente estudioso dos meios de comunicação no século XX. Trata-se de uma mídia contemporânea, ainda em transformação, e que ganhou destaque no período de isolamento social provocado pela pandemia COVID 19, entre os anos de 2020 e 2023.

Essa mídia tem enorme potencial de acessibilidade (Taufer; Ferreira, 2019) e é composta por uma série de fotografias panorâmicas com recursos de audiodescrição, iconografia, legendas e informações complementares interativas que permitem às pessoas com deficiências motoras, sensoriais ou cognitivas, além de idosos e crianças, desfrutarem da experiência turística de maneira mais segura e autônoma.

A pertinência de pesquisar esse tipo de mídia pode ser medida pela ausência de estudos similares sobre tal temática, desenvolvidos no Brasil. Esse hiato acadêmico pode ser constatado a partir de buscas realizadas em repositórios científicos nos anos de 2022 e 2023. É consenso, entre pesquisadores na área das ciências humanas, que trabalhos similares e que abordem os direitos da pessoa com deficiência, contribuem para a promoção e o empoderamento da inclusão social ao qual se detém.

Não obstante, as tecnologias apresentadas neste resumo convergem diretamente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) n.10 da Organização das Nações Unidas (ONU) que visa promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra situação.

Percurso metodológico

Para atingirmos os objetivos do trabalho realizamos um estudo de caso do Tour Virtual do Monumento Nacional a La Bandera, localizado na cidade de Rosário (ARG). Por meio da técnica de observação sistemática do objeto definimos os parâmetros de acessibilidade a serem analisados nesta mídia digital e listamos seus pontos fortes e fracos, além de sugerir

⁵ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. felipe.cavalieri@unesp.br

alterações e adaptações razoáveis para um produto midiático mais acessível.

Resultados e discussão

Foi constatada a ausência de importantes tecnologias assistivas no Tour Virtual argentino, tais como audiodescrição, legendas, navegação por teclado e janela de libras entre outras, que tornariam a experiência muito mais acessível, sob o ponto de vista da acessibilidade midiática.

Considerações finais

Neste momento será possível apenas apresentar as principais etapas do trabalho principal que é muito mais extenso e complexo e está sendo produzido para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Entretanto, já é possível apresentar, somente com as informações preliminares, elementos que ajudem a comunidade científica deste evento a perceber as diferenças entre tours panorâmicos 360 com e sem acessibilidade e propor um debate que discorra sobre as virtudes, mas principalmente, eventuais melhorias Tour panorâmico 360 acessível.

Referências

MCLUHAN, M. (1964). **Understanding Media: The Extensions of Man**. Routledge.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO (2016), Día Mundial del Turismo, 2016 «Turismo para todos: promover la accesibilidad universal» **Buenas prácticas en la cadena de valor del turismo accesible**, UNWTO, Madrid <https://drive.google.com/file/d/1HkTc6lNCltwC2P0XydRLlwgWhR89gByb/view?usp=share_link> acesso em: 10 Jan.2023

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (**Estatuto da Pessoa com Deficiência**). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/Content/uploads/20162317410_FINAL_SANCIONADALei_Brasileira_de_Inclusao_06julho2015.pdf>. Acesso em: 24/05/2023

TAUFER, L.; FERREIRA, L.T. **Realidade Virtual no Turismo: Entretenimento ou Mudança de Paradigma?** Universidade de Caxias do Sul - ISSN 2178-9061 - ano 2019 <https://drive.google.com/file/d/1-36Kajh_F9T0mYfL7MCAIL_c9-x6H2bc/view?usp=share_link> Acesso em 13 fev. 2023

Potencialidades da audiodescrição para ampliação da acessibilidade em videogames

Guilherme Mori Magalhães⁶

Introdução

Os videogames representam, desde o início dos anos 2000, um ramo de progressiva notoriedade no campo do entretenimento. Com o número de jogadores por todo o mundo superando a marca de 2,7 bilhões de pessoas (Larreina-Morales; Mangiron, 2021), podemos entender os games como uma parte intrínseca da cultura pop na atualidade, considerando também seus desdobramentos em conteúdo gerado pelo usuário em redes sociais, novos produtos midiáticos, eventos esportivos e comunidades on-line. Cresce, em paralelo, também a comunidade de pesquisadores em jogos digitais, lançando mão de olhares provenientes de áreas variadas, como a educação, sociologia, antropologia, comunicação, psicologia, tecnologia e comunicação, formando uma nova área interdisciplinar conhecida como *game studies* (Freyermuth, 2015 *apud* Silva; Lucas, 2023).

Mesmo permeando profundamente o dia-a-dia de tantas pessoas, é possível, ainda, identificar um segmento de público à margem do desenvolvimento e publicação dos games: os jogadores com deficiência visual. Larreina-Morales e Mangiron (2021) apontam que esta comunidade está presente, participa e reivindica mais espaço dentro do mundo gamer, condição esta que poderia ser promovida a partir de uma maior oferta de jogos desenvolvidos considerando a diversidade funcional dos jogadores com deficiência.

Neste projeto de mestrado, nos apoiamos sobre apontamentos de Mangiron e Zhang (2022) acerca da implementação da audiodescrição (AD) nos videogames. A AD pode ser definida como a “técnica que insere explicações e descrições em áudio de cenários, personagens e ações que acontecem em uma variedade de mídias audiovisuais, quando as informações de tais elementos visuais não são oferecidas no áudio tradicional apresentado” (Orero, 2005 *apud* Mangiron; Zhang, 2016, p. 87). As autoras apontam a AD como um recurso de grande potencial de aplicação em games, mas que até então não tinha sido explorado. Em partes, pelo desconhecimento das equipes técnicas de desenvolvedores e *game designers* acerca dos princípios de produção da AD, mas também por lacunas quanto à forma de disponibilização do recurso nos jogos. Dessa forma, o presente estudo, ainda em estados iniciais, objetiva verificar de que maneira os princípios e diretrizes atualmente consolidados para a produção da audiodescrição de materiais audiovisuais precisam ser adaptados para sua aplicação em videogames, enquanto uma mídia audiovisual interativa.

⁶ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. Graduado em Relações Públicas pela mesma instituição. guilherme.m.magalhaes@unesp.br

Percurso metodológico

O presente trabalho se encontra ainda em estágios iniciais de desenvolvimento. Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, tecemos paralelos entre a discussão de Mangiron e Zhang (2022) e outros autores do campo dos *game studies* para identificar potencialidades de aplicação não somente da AD, mas também de outros recursos de acessibilidade de natureza sonora. Uma vez melhor definida esta inter-relação, partiremos para um estudo, por meio de análise documental, das diretrizes atualmente prescritas para a audiodescrição em suas mais diferentes aplicações – dando maior enfoque à AD de produtos audiovisuais em suportes digitais, suas especificidades e possibilidades de sinergia com outros formatos alternativos e recursos de acessibilidade. Por fim, pretende-se o desenvolvimento de um modelo de audiodescrição que possa ser aplicado por *game studios* na produção de AD em seus projetos de games, levando em consideração as especificidades que esta mídia de natureza interativa e não sequencial apresenta.

Resultados e discussão

Ainda que o presente trabalho esteja em seus estágios iniciais, a revisão bibliográfica narrativa já rendeu apontamentos para guiar o desenrolar das etapas futuras de pesquisa. Em especial, pontuamos a identificação, por Mangiron e Zhang (2022) de três principais focos de aplicação em potencial da AD em videogames, sendo eles: I) material cinematográfico presente em trailers, demos e cutscenes; II) descrição de componentes imagéticos de menus em áudio; e III) *heads-up displays* (HUD), que são as interfaces informativas que apresentam informações estatísticas dos personagens e jogadores.

Considerações finais

Como próximos passos, pretendemos aprofundar a busca entre autores que discutem a acessibilidade – em especial para pessoas com deficiência visual – dentro da área dos *game studies*. Em partes, optamos por este caminho, e não somente o dos estudos da acessibilidade midiática, pois entendemos que a natureza interativa dos videogames estabelece especificidades a nível de formato de texto, linguagem e métodos de disponibilização que distanciam a AD em games daquela feita em outros formatos de mídia.

Referências

- LARREINA-MORALES, M. E.; MANGIRON, C. Fun for All: Exploring new ways to improve game accessibility for blind players. In: INTERNATIONAL CONFERENCE MEDIA 4 ALL, 9, online, 2021. **Book of abstracts** [...]. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2021.
- MANGIRON, C.; ZHANG, X. Video games and audio description. In: TAYLOR, C.; PEREGO, E. (Eds.). **The Routledge Handbook of Audio Description**. Londres: Routledge, 2022, p. 376-389.
- MANGIRON, C.; ZHANG, X. Game Accessibility for the Blind: Current Overview and the Potential Application of Audio Description as the Way Forward. In: MATAMALA, A.; ORERO, P. (Eds.). **Researching Audio Description: New Approaches**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016, p. 75-96.

SILVA, S. M.; LUCAS, R. J. L. Jogos digitais como objetos da comunicação: reflexões e desafios. **REU**, v. 49, 2023.

Presença da Audiodescrição nas Mídias Sociais: estilos, formatos e conteúdos na perspectiva de pessoas com deficiência visual

Amanda Menezes Farias de Souza⁷

Introdução

Considerando o audiovisual como principal meio de comunicação digital em contexto de mídias sociais e, ainda, as tecnologias assistivas já disponíveis nas plataformas, o objetivo da pesquisa é compreender como se dá o consumo de audiodescrição nas mídias sociais por pessoas com deficiência visual. Utiliza-se uma abordagem em que se pesquisa “junto com” a pessoa com deficiência, a fim de revelar novos caminhos para o fazer comunicacional (Berni; Maldonado, 2023). As mídias sociais ocupam grande espaço na vida cotidiana, seja para o exercício de atividades de trabalho, entretenimento ou interação e sociabilidade (Jenkins, 2013). Elas se tornaram um importante espaço para participação pública e política (Leite; Luvizotto, 2017), de forma independente e autônoma. Todavia, se o visual é um componente fundamental das mensagens, quando não há uma alternativa de acesso adequada, limita-se a participação das pessoas com deficiência visual. É necessário, então, explorar o uso da Audiodescrição (AD), tecnologia assistiva que consiste na tradução intersemiótica em que elementos visuais da mensagem encontram seu equivalente em texto verbal. A AD pode estar na imagem, em plataformas sociais, como Texto Alternativo, que será lido pelos leitores de tela, ou no texto da publicação, ao final da legenda da imagem, com o uso das hashtags inclusivas (Jesus, 2018).

Percurso metodológico

A partir da realização de um grupo focal com pessoas com deficiência visual de uma entidade assistencial de Bauru/SP, foram identificados os formatos e estilos de conteúdo de preferência do grupo, bem como características que permitam construir um repertório de boas práticas de elaboração e disponibilização da AD. O grupo focal foi organizado de modo a ter três blocos: um de caracterização da amostra, um de análise de preferência de estilos e um terceiro, de exploração dos modelos de AD. Optou-se pelo grupo focal como instrumento dessa pesquisa devido ao seu caráter convidativo, que prioriza as pessoas no processo. Bianchi e Berni (2022, p. 227) apontam que o “grupo focal possibilita que o olhar avance para que se busque compreender o discurso e a linguagem como prática social”. Quando se fala de um grupo social muitas vezes marginalizado, como é o de pessoas com deficiência, os grupos focais surgem como espaços em que se efetivam a voz e a participação social dos sujeitos, além de estes serem reconhecidos como cidadãos.

⁷ Graduanda em Relações Públicas pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. amanda.mf.souza@unesp.br

Resultados e discussão

A amostra da pesquisa foi formada por 6 participantes, entre 29 e 60 anos, todos com deficiência visual adquirida ao longo da vida. Quanto ao consumo de conteúdo nas mídias sociais, os participantes demonstraram atividade moderada, sendo que as principais plataformas utilizadas são: Facebook, Whatsapp e Instagram. As ADs que mais chamaram atenção foram aquelas focadas na informação escrita da arte digital, ou na figura central da fotografia. Os participantes alegaram que há uma certa pressa no consumo e o que lhes interessa é a informação principal, e não os detalhes da imagem. Além disso, apontaram que, durante a navegação pelos feeds, são escassos os conteúdos que apresentam AD. Em contrapartida às opiniões majoritárias do grupo, um participante apontou que é detalhista e, portanto, gostaria de saber mais detalhes da imagem, como cores, texturas e formas. Quando indagados sobre a disponibilização em Texto Alternativo ou texto da publicação, optaram pela AD no primeiro formato.

Considerações finais

A produção de conteúdo com o olhar para a acessibilidade é fundamental quando pensamos que o ambiente digital é constituinte do espaço público. Para torná-lo acessível, é necessário disponibilizar a informação de diferentes formas (neste caso, não visual). De modo geral, a pesquisa revelou que a preferência das pessoas com deficiência visual é pela informação da AD apresentada de forma clara e objetiva, ainda que em detrimento de detalhes, como cores, formas e texturas. O consumo é rápido, portanto, para ser relevante, é necessário que seja simples. Este estudo abre os caminhos para mais discussões no campo da acessibilidade envolvendo não só a tradução audiovisual, como também estratégias de comunicação eficientes para esse público e o estilo de consumo.

Referências

BIANCHI, G.; BERNI, F. C. (Re)pensando o grupo focal como recurso investigativo: o percurso desenvolvido no contexto online e de pessoas com deficiência. In: BONIN, J. A.; SAGGIN, L. (Orgs.). **Investigação crítica em comunicação: construções epistêmicas, teóricas e metodológicas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 220-239.

BERNI, F. C.; MALDONADO, A. E.. Pesquisar junto de pessoas com deficiência: uma aposta transmetodológica e anticapacitista para o campo da Comunicação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 32, 2023, São Paulo. **Anais [...]**. Campinas, Galoá, 2023.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2013.

JESUS, P. S. #PraCegoVer: um diálogo sobre redes sociais, deficiência visual e outras cegueiras. In: ENCONTRO INTERNACIONAL VIRTUAL EDUCA, 19, Salvador, Bahia, 2018. **Anais [...]**. Virtual Educa, 2018.

LEITE, F. P. A.; LUVIZOTTO, C. K. Participação, Acessibilidade Digital e a inclusão da pessoa com deficiência. **CONPEDI Law Review**, v. 3, n. 2, p. 240-261, 2017.

Inter-relação entre mídia sonora e deficiência visual: um levantamento do GP de Rádio e Mídia Sonora da Intercom

Amanda Cristina Trentin⁸

Arthur Elias Marim⁹

Beatriz Magalhães Guimarães Silva¹⁰

Introdução

A discussão acerca da deficiência ganha força nas últimas décadas com a vociferação da defesa da dignidade humana, igualdade, autonomia e participação da pessoa com deficiência (Grecco, 2018). Sendo assim, a ambiência da reflexão sobre essa pauta nasce em meio a uma sociedade que prioriza a visualidade no mundo (von der Weid, 2014) e, por isso, pessoas com deficiência visual ainda enfrentam muitas barreiras para exercerem faculdades, como se locomover e até mesmo obter o pleno acesso à informação.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as ferramentas facilitadoras do acesso ao conhecimento para pessoas com deficiência visual. Nesse sentido, ao esmiuçar Balsebre, entende-se que o rádio é um aliado competente desses indivíduos, uma vez que permite o exercício do contato à informação, através do sonoro - elemento que aflora outros sentidos da pessoa com deficiência visual, como a audição, e incentiva a autonomia por meio da elaboração de imagens mentais que desenvolvem a imaginação.

Percurso metodológico

O trabalho qualitativo apresenta uma pesquisa bibliográfica, a partir da técnica de revisão de literatura, em todos os anais disponíveis online (2001-2022) do Congresso da Intercom, em específico nos estudos publicados no Grupo de Pesquisa “Rádio e Mídia Sonora”. Através das palavras-chave utilizadas para a busca - “Acessibilidade”, “Inclusão”, “Deficiência visual” - e da leitura dos textos, discute-se a inter-relação entre a mídia sonora e as pessoas com deficiência visual. Nessa investigação, foram encontrados seis trabalhos: Leiria (2002), Godoy (2003), Barroso (2013), Maciel (2016; 2017) e Pinheiro (2020).

Resultados e discussão

Na análise, observou-se que as barreiras estão presentes em atividades simples, como o da leitura. A esse exemplo, nota-se a tribalização do braille como um desafio que impede o acesso à informação para pessoas com deficiência visual, uma vez que o alto custo de

⁸ Graduanda em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. ac.trentin@unesp.br

⁹ Graduando em Ciências Biológicas pela Faculdade de Ciências (FC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. a.marim@unesp.br

¹⁰ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências (FC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. beatriz.mg.silva@unesp.br

produção daquele as limita no ato de comunicar (Leiria, 2002).

Nesse viés, no âmbito da comunicação, examinou-se, também, que há um descaso por parte das esferas comunicacionais de incluir pessoas sensorialmente diversas na divulgação de informação, o que explicita o caráter excludente e não democrático delas, como afirma Díaz Aledo, em entrevista concedida à Maciel (2016).

Contudo, as mídias sonoras, como rádio e podcast, aparecem como auxílio na distribuição de conteúdo para esse público. Nessa instância, por intermédio do sonoro, esses veículos mencionados envolvem emocionalmente o ouvinte à medida que pode-se criar uma atmosfera íntima com ele ao estimular a individualização da experiência consistida em imaginar os cenários narrados pelas palavras, logo, recupera e molda as imagens mentais (Maciel, 2016), processo que aguça a imaginação do ouvinte (Barroso, 2013).

Portanto, Pinheiro (2020) aponta que é mister reconhecer a essencialidade dos meios de comunicação sonoros e aponta a roteirização como amplificador do acesso, através da prévia dos episódios que serão transmitidos. Ou seja, o roteiro pensado de forma prévia considera a inclusão de códigos imagéticos nas descrições.

Considerações finais

O áudio como meio que possibilita o acesso à informação, é grande aliado de pessoas com deficiência visual e está presente em diversos campos, como no rádio, podcasts, em plataformas digitais etc. A abrangência e a diversidade dos formatos audiofônicos possibilitam a aproximação com o conhecimento de outras formas, de maneira que o público tenha mais possibilidades de acesso e de sociabilidade.

Referências

BARROSO, L. M. Rádio: comunicação eficiente para o deficiente visual, apresentando dados. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2013.

GRECO, G. M. The nature of accessibility studies. **Journal of Audiovisual Translation**, v. 1, n. 1, 205-232, 2018.

LEIRIA, C. G. Uma outra história da leitura – considerações sobre ao acesso dos cegos à palavra escrita na era das mediações digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2002.

MACIEL, S. Mídia Sonora, Deficiência Visual e Acessibilidade: Características da Produção em Rádio Feita Por Cegos e Pessoas com Baixa Visão na Espanha e em Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, São Paulo, 2016. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016.

PINHEIRO, E. B. Podcast e Acessibilidade: Apontamentos Teóricos e Metodológicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43, online, 2020. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020.

VON DER WEID, O. **Visual é só um dos suportes do sonho: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira**. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em antropologia cultural). Rio de Janeiro: PPGSA/UFRJ.

Leitura e Acessibilidade: audiodescrição como recurso de acessibilidade na obra “O Livro Que Queria Ser Brinquedo”

Leila Maria Gumushian Felipini¹¹

Gabriela Alcantara Teixeira¹²

Introdução

No Brasil, temos uma lacuna na oferta de livros acessíveis, o que acarreta a impossibilidade de as pessoas com deficiência visual acessarem a literatura. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, de 6 de julho de 2015 (Brasil, 2015), livro em formato acessível são os arquivos digitais que podem ser reconhecidos e acessados por softwares leitores de telas ou outras tecnologias assistivas, o que permite a leitura de voz sintetizada, ampliação de caracteres, diferentes contrastes ou a impressão em braile.

Para ampliar ainda mais a acessibilidade dos deficientes visuais à literatura, a audiodescrição (AD), modalidade de tradução intersemiótica, pode ser disponibilizada nos livros falados. Para Livia Motta (2016), a AD é uma atividade de mediação linguística, que possibilita transformar o visual em verbal, ampliando as possibilidades de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Para Motta (2016), além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. Considerando o contexto apresentado, o objetivo deste estudo foi propor a acessibilidade ao livro infantil “O Livro Que Queria Ser Brinquedo” por meio de audiodescrição (AD).

Percurso metodológico

A obra selecionada é adotada pela Rede Municipal de Ensino de Bauru, e a audiodescrição foi realizada seguindo diretrizes recomendadas pelo Ministério da Educação, em 2012, nas “Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível” (Brasil, 2012). Trata-se de um estudo exploratório de cunho qualitativo, realizado a partir de uma revisão bibliográfica pela aluna Gabriela Alcantara Teixeira, sob orientação da Profa. Dra. Leila Maria G. Felipini. A proposta de audiodescrição seguiu as etapas: leitura e análise do conteúdo do livro, análise das imagens do livro, elaboração do roteiro de audiodescrição das ilustrações, análise da consultora e gravação do conteúdo escrito e da audiodescrição das imagens do livro.

Resultados e discussão

O roteiro de AD foi escrito de modo a integrar elementos da ilustração ao conteúdo

¹¹ Docente do curso de graduação Letras-Tradutor no Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO.
leila.felipini@unisagrado.edu.br

¹² Estudante na graduação Letras-Tradutor no Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO.
gabriella.1043456@alunos.unisagrado.edu.br

escrito de cada página. Optamos por apenas citar os objetos/brinquedos, sem descrevê-los em detalhes, já que costumam ser de conhecimento das crianças e o excesso de informação pode cansar o ouvinte. Assim, descrevemos apenas as cores mais evidentes e as características faciais mais marcantes, que acreditamos serem essenciais para a compreensão da história.

Optamos por acrescentar cores (carrinho de madeira marrom, coelho cor de rosa, flores brancas) à descrição dos personagens e da cena, pois, de acordo com Motta (2016), o vestuário e a aparência física dos personagens devem ser descritos, incluindo cores. Além das cores, os detalhes também devem ser descritos, localizando o sujeito, objeto ou cena a ser descrita (Brasil, 2020). Assim, acrescentamos alguns detalhes ao cenário (arco-íris ao fundo, sentado em um gramado).

Também optamos por descrever as emoções dos objetos, indicando que eles estavam **preocupados, assustados e com medo**, conforme recomendado pelo Guia, que propõe o emprego de adjetivos para qualificar o sujeito, objeto ou cena da descrição (Brasil, 2012). Tentamos priorizar as informações mais relevantes, omitindo o que não fosse essencial. Por fim, para dar mais evidência às ações que só aparecem no desenho, nos certificamos de que o contexto delas ficou claro.

Considerações finais

No que se refere aos personagens, aqueles que apresentavam falas na narrativa foram descritos por meio de fichas proêmias, possibilitando que o leitor já tenha acesso a essas informações antes do início da história. Para evitarmos o excesso de informações e garantirmos a compreensão mais completa da narrativa por parte desse público, incluímos as descrições das imagens como complemento no próprio conteúdo da narrativa. Ainda, pelo livro ser ricamente ilustrado, optamos por trazer a descrição apenas das imagens que completam o sentido da narrativa, tornando acessível em palavras algumas informações que constavam apenas nas imagens. Quando consideradas relevantes, as ações que eram parte do conjunto da cena foram descritas trazendo mais detalhes.

Referências

BRASIL. Lei Nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 07 de jul. 2015. Disponível em: [L13146 \(planalto.gov.br\)](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 03 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. NOTA TÉCNICA Nº 21 / 2012 / MEC / SECADI / DPEE. Institui Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>-. Acesso em: 03 abr. 2022.

MOTTA, L. M. V. AUDIODESCRIÇÃO NA ESCOLA: abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.

RODRIGUES, Sonia. **O Livro Que Queria Ser Brinquedo no Devoradores de Livros**. Disponível em: <http://www.devoradoresdelivros.com.br/livros/ver/1022>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Competências midiáticas para o consumo de informação entre o público cego - formação para cidadania

José Roberto Escarabello Junior¹³

Roseane Andrelo¹⁴

Introdução

De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), cerca de 7 milhões de pessoas no Brasil possuem algum tipo de deficiência visual. Com isso, cabe à sociedade refletir sobre como as pessoas com deficiência visual se informam frente às barreiras criadas pela própria sociedade que impedem que a acessibilidade e inclusão aconteçam, sendo as principais: urbanísticas, arquitetônicas, nos transportes, nas comunicações e na informação, atitudinais e tecnológicas (Brasil, 2015).

Embora o acesso à informação seja garantido por lei, é imprescindível ir além: mais do que o acesso, propiciar uma educação para os meios de comunicação é crucial. Com isso, o conceito de competência midiática é o ponto chave da pesquisa. Uma competência é na maioria das vezes entendida como uma combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes consideradas necessárias para um contexto determinado (Ferrés; Piscitelli, 2015). Logo, a competência midiática deve contribuir como principal ferramenta desta pesquisa, que está em andamento, visto o estímulo à autonomia, à cidadania e ao interesse do sujeito de compreender o cenário em que se está inserido e, conseqüentemente, reconhecendo seu papel social, civil, e político. Assim, ocasionando uma maior participação social. Portanto, a pergunta problema da pesquisa frente a esse contexto é: quais competências midiáticas são essenciais para o consumo de informação entre o público cego e como formá-las para uma cidadania mais ativa?

Portanto, a pesquisa busca: a) Compreender e analisar quais competências midiáticas são essenciais no processo de recepção de informações pelo público cego e como desenvolvê-las, visando estimular a participação social e a reivindicação de direitos, b) Avaliar o consumo de informações de diferentes mídias, c) Propor metodologia de ensino crítico de mídia, d) Implementar as competências identificadas em práticas pedagógicas preexistentes.

¹³ Graduando em Relações Públicas pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. jr.escarabello-junior@unesp.br

¹⁴ Docente do curso de Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, ambos da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. roseane.andrelo@unesp.br

Percurso metodológico

O percurso metodológico será realizado em 3 etapas: 1) Propõe-se, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre os temas de acessibilidade e inclusão, competências midiáticas, Consumo de Informação, participação social e emancipação. 2) Com isso, será realizada uma pesquisa de campo em uma instituição que lida diretamente com o público alvo da pesquisa, na qual serão realizadas entrevistas com os profissionais da instituição e um grupo focal com os usuários da mesma, ambos envolvendo perguntas que perpassam os temas da pesquisa bibliográfica. Os resultados obtidos serão analisados pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Por fim, 3) serão levantadas metodologias ativas de ensino para a implementação das competências que mais aparecerem.

Resultados e discussão

Espera-se que o Levantamento bibliográfico de uma base sólida para a discussão do tema da pesquisa que envolve duas grandes áreas, Acessibilidade e Literacia Midiática, além de ser crucial para o desempenho da pesquisa de campo e para a coleta e análise de dados. Além do disso, espera-se encontrar as principais competências midiáticas que envolvem o público cego para que com a junção dos dados das duas primeiras fases da pesquisa, se realize um trabalho de aprimoramento e implementação das competências midiáticas encontradas nas metodologias ativas utilizadas na instituição.

Considerações finais

Com o encaminhamento da pesquisa pretende-se atingir os objetivos e responder a pergunta problema (quais competências midiáticas são essenciais para o consumo de informação entre o público cego e como formá-las para uma cidadania mais ativa?), desenvolvendo a pesquisa juntamente com o público. Além disso, se busca alinhar o levantamento bibliográfico com dados empíricos obtidos, e assim, aperfeiçoar metodologias de ensino ativas direcionadas para o público primordial da pesquisa, atrelando-o às principais competências midiáticas encontradas.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Pesquisa nacional de saúde 2019**: ciclos de vida. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>. Acesso em 24 de Outubro de 2023.

FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. Lumina, [S.

Concepções de deficiência em universitários autodeclarados com deficiência

Maria Rita Terra Pereira¹⁵

Lúcia Pereira Leite¹⁶

Introdução

O conceito nominativo de deficiência é marcado, historicamente, por uma gama de significados pertencentes a diferentes períodos históricos e sociais. Assim, um olhar que priorize a interpretação do indivíduo a partir da mediação das relações sociais, nos permite compreender a história da pessoa com deficiência enquanto um fenômeno complexo, dotado de múltiplas concepções (Nunes *et al.*, 2020). De tal modo, a partir da Escala Intercultural de Concepções de Deficiência (Leite; Cardoso; Oliveira, 2021), pode-se investigar os níveis de concordância com três principais concepções: metafísica (religiosa), biológica (médica-normativa) e social (contextual). Objetiva-se, assim, compreender o conceito de deficiência por universitários públicos brasileiros, com destaque às pessoas que se autodeclararam PcD, ressaltando possíveis diferenças de concepções de acordo com o tipo de deficiência.

Percurso metodológico

A pesquisa caracteriza-se enquanto qualitativa-quantitativa analítico-descritiva. Utilizou-se a EICD, escala tipo Likert composta por 43 enunciados, correspondentes a uma das três concepções analisadas (metafísica, biológica e social). O levantamento de dados se deu via Google Forms em universidades públicas de todo Brasil. A amostra é composta por 1568 respondentes dos quais 164 se autodeclararam com algum tipo de deficiência. Destes, 21 foram excluídos do tratamento estatístico devido à incompatibilidade com a categoria (não eram pessoas com deficiência) ou respostas incompletas. Utilizou-se, assim, os dados de 143 respondentes autodeclarados pessoas com deficiência.

Resultados e discussão

Tabela 1. Intervalo de Valores de Concordância e Discordância por Concepção de Deficiência.

Concepções	Discordância	Tendência à discordância	Tendência à concordância	Concordância
Metafísica	11	12	13 a 20	21 a 55
Biológica	17 a 38	39 a 48	49 a 57	58 a 85
Social	15 a 36	37 a 46	47 a 55	56 a 75

Fonte: dados da pesquisa (2023)

¹⁵ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências (FC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. maria.terra@unesp.br

¹⁶ Docente Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, da Faculdade de Ciências - UNESP/Bauru. lucia.leite@unesp.br

Tabela 2. Valores de Concordância e Discordância por Deficiência em Relação às Concepções Metafísica, Biológica e Social no Brasil.

Concepção	Deficiência	Média	DP	Z	p-valor
Metafísica	Def. Física	19,97	11,199	0,842	0,522
	Def. Visual	19,58	11,659		
	Def. Auditiva	24,13	12,636		
	Def. Múltipla	15,25	4,349		
	TEA	23,25	12,157		
Biológica	Def. Física	49,10	13,131	0,401	0,848
	Def. Visual	51,91	12,960		
	Def. Auditiva	51,39	16,558		
	Def. Múltipla	45,00	16,990		
	TEA	48,13	14,984		
Social	Def. Física	47,97	13,739	0,875	0,499
	Def. Visual	45,48	11,662		
	Def. Auditiva	49,00	15,060		
	Def. Múltipla	50,25	14,660		
	TEA	41,88	9,577		

Fonte: dados da pesquisa (2023).

A partir da análise dos dados expostos nas tabelas, depreende-se uma tendência geral de concordância em relação à concepção metafísica, sendo a menor média pontuada correspondente àqueles com deficiência múltipla e a maior nos com deficiência auditiva. A concordância nos revela grande influência dos aspectos religiosos na compreensão de brasileiros acerca da deficiência, culminando em uma lógica de não-culpabilização dos indivíduos na inacessibilidade enfrentada pelas pessoas com deficiência, ao passo que a causa do fenômeno é tida como mística. Já na concepção biológica, há uma oscilação entre tendência à discordância (deficiência múltipla) e tendência à concordância (deficiência visual). Na concepção social verificou-se tendência à discordância, ressaltando as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) como menor média, e tendência à concordância, pontuada pelas pessoas com deficiência múltipla. Nota-se que as pessoas com deficiências múltiplas são mais concordantes com a concepção social, evidenciando uma compreensão a respeito do caráter histórico e contextual da deficiência, que não se restringe de forma alguma a questões orgânicas e/ou religiosas.

Considerações finais

Ressalta-se que não há diferença significativa entre os grupos em nenhuma das concepções. Posto isso, é notável a tendência capacitista ainda hoje vigente na percepção dos brasileiros sobre deficiência, escancarando a necessidade de políticas públicas socialmente comprometidas.

Referências

NUNES, L. C. A.; VIEIRA, G. R.; LEITE, L. P. Escala intercultural de concepções de deficiência: a importância da análise das concepções de deficiência, 2020. https://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/20/20/TRABALHO_EV137_MD4_SA11_ID1026_28102020160414.pdf

LEITE, L. P.; CARDOSO, H. F.; OLIVEIRA, T. DE .. Escala Intercultural de Concepções de Deficiência: Construção e Estudos Psicométricos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. e0208, 2021.

Inclusão social de estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na graduação

Claudia Mialichi¹⁷

Jaqueline Costa Castilho Moreira

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista "O TEA é um distúrbio que afeta o desenvolvimento do cérebro e resulta em comportamentos repetitivos, interesses restritos e dificuldade de comunicação e interação social" (Bauman e Kemper, 2005). Mas conhecido como autismo que vem da palavra de origem grega "autos", cujo significado é "próprio ou de si mesmo". O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta-se em diferentes graus de severidade e impacto no cotidiano. De acordo com a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o TEA compreende três níveis: ASD nível 1 (nível mais leve), ASD nível 2 e ASD nível 3 (mais grave).

A presente pesquisa busca investigar quais fatores e desafios que contribuem para a inclusão de estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista- TEA nas Universidades da cidade de Ribeirão Preto, SP.

Esta pesquisa tem por objetivo apontar como tem ocorrido o acesso e a permanência de jovens diagnosticados com TEA no ensino superior e mapear as necessidades pedagógicas e as habilidades requeridas por estudantes com TEA em processo de inclusão na graduação.

Percurso metodológico

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa exploratória com foco no estudo de aspectos subjetivos e fenômenos do comportamento humano. A primeira etapa do procedimento metodológico conforme as normas e diretrizes regentes da pesquisa científica, o estudo deverá, primeiramente, ser submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CENP). A segunda etapa será a entrevista via Google Meet com duração de 30 minutos, onde serão feitas apenas algumas perguntas predeterminadas em roteiro com isso incentivando a comunicação bidirecional, no qual o entrevistador e o candidato podem fazer perguntas a fim de gerar uma discussão mais abrangente dos tópicos pertinentes. A terceira etapa envolve a transcrição da gravação das entrevistas feitas através do Google Meet que permitirá o relato dos participantes.

Os dados obtidos por meio da transcrição da gravação das entrevistas

¹⁷ Mestranda em Mídia e Tecnologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"- UNESP/Bauru. Pós-graduação em Gestão de Marketing pela Fundação Armando Álvares Penteado- FAAP/Ribeirão Preto e em Planejamento, Implementação e Gestão do Ensino a distância pela Universidade Federal Fluminense- UFF/Rio de Janeiro. MBA em Marketing pela Universidade de São Paulo- USP/Ribeirão Preto. Bacharel em Publicidade e Propaganda com Ênfase em Marketing pela Universidade de Ribeirão Preto-UNAERP/Ribeirão Preto. claudia.mialichi@unesp.br

semiestruturadas feitas através do Google Meet permitirão o relato das questões debatidas durante a entrevista, é preciso organizá-las para a análise. Para isso, será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Resultados e discussão

Espera-se como resultado identificar aspectos positivos ou negativos de inclusão, adaptação, mas também dificuldades, como barreiras atitudinais, informacionais e linguísticas, dificuldades com metodologias de ensino/avaliação, fatores socioemocionais, entre outras.

Considerações finais

Como a pesquisa está em andamento, os próximos passos são: Revisão de literatura: Realizar uma revisão da literatura sobre inclusão de pessoas com TEA na educação superior, identificando os desafios, estratégias e boas práticas; Mapear as universidades e contatá-las para a anuência de participação na pesquisa; Organização das perguntas e validação das entrevistas semiestruturadas; Comitê de Ética; Submeter o projeto ao comitê e aguardar a autorização para o início do estudo de campo; Seleção de participantes: oito estudantes com idades entre 24 e 35 anos diagnosticados com TEA que estejam atualmente cursando a graduação em uma instituição de ensino superior na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo; Coleta de dados: realizar entrevistas semiestruturadas para aprofundar nas experiências dos participantes, investigar as dificuldades enfrentadas, as estratégias adotadas, as recomendações para melhorias e as perspectivas para o futuro. Essas entrevistas serão feitas através do Google Meet com horário agendado. As entrevistas serão gravadas com autorização dos entrevistados e terá a duração de 30 minutos; Transcrição da gravação das entrevistas feitas através do Google Meet que permitirá o relato dos participantes e tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação; Análise dos resultados: Análise de conteúdo; Ferramenta Atlas Ti.: discutir os resultados da pesquisa em relação aos objetivos propostos, elaborando considerações que possam contribuir para a prática da inclusão de estudantes com TEA na graduação; Conclusão: apresentar conclusões finais da pesquisa, destacando as principais descobertas, limitações e recomendações para futuras investigações na área.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, M. L.; KEMPER, T. L. Neuroanatomic observation of the brain in autism: a review and future directions. *Int J Dev Neurosci.*, v.23, n.2-3, p.183-7, 2005.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. **Metodologia Científica**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas

NASCIMENTO, Maria Inês et al VOLPATO, Aristides. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

Atuação das Relações Públicas nos procedimentos de ações de patrocínios e apoios em ações de incentivo à pessoas com deficiência: levantamento de processos, metodologias e iniciativas

Mariana Gonçalves da Silva¹⁸

Introdução

Nos últimos anos, a inclusão de pessoas com deficiência nas organizações tornou-se uma questão crucial, refletindo um movimento global em prol da igualdade e justiça social. Apesar de representarem aproximadamente 15% da população mundial, a maior minoria do mundo enfrentou obstáculos históricos significativos. No Brasil, políticas públicas como a Constituição Federal de 1988 e suas emendas estabeleceram bases legais para a inclusão de pessoas com deficiência. No entanto, a verdadeira inclusão vai além da presença e requer estratégias específicas, destacando a importância de patrocínios e apoios às ações que incentivam o desenvolvimento social da população na conscientização da inclusão dessas pessoas, por parte de organizações que possuem capital e equipes destinadas à esse processo.

Este estudo tem como objetivo principal investigar o papel das Relações Públicas nos procedimentos de ações de patrocínios e apoios em iniciativas voltadas para pessoas com deficiência. Com foco especial nesse contexto, a pesquisa será fundamentada em uma sólida base teórica, abrangendo temas como o papel das Relações Públicas, acessibilidade, deficiência e inclusão. Os objetivos específicos englobam uma análise detalhada das estratégias de apoio adotadas por organizações para promover a inclusão dessas pessoas. Além disso, o estudo buscará identificar práticas bem-sucedidas, explorando estudos e teorias nacionais e internacionais que conectam as Relações Públicas às iniciativas de inclusão de pessoas com deficiência. O resultado esperado é a criação de um guia abrangente, focado em ações de patrocínio e apoio, com o intuito de impulsionar efetivamente o apoio à conscientização populacional à inclusão dessas pessoas, preenchendo lacunas importantes na literatura científica sobre o tema.

Percurso metodológico

Com o intuito de alcançar os objetivos listados, compreenderemos uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo. Também utilizaremos a coleta de dados em ambientes reais, como visitas a locais específicos e interação com responsáveis relacionados ao tema. Isso permitirá que consigamos observar e

¹⁸ Graduanda em Relações Públicas pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. mariana.g.silva@unesp.br

registrar diretamente os fenômenos em seu contexto natural.

Resultados e discussão

Neste estágio inicial do projeto, o enfoque está na construção de uma sólida base teórica relacionada aos temas essenciais da pesquisa. Utilizando uma metodologia de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, buscamos compreender aspectos como comunicação e acessibilidade, tecnologias assistivas, recursos de apoio, deficiência e inclusão.

Considerações finais

A pesquisa está em seus primeiros estágios, dessa forma até o final do mês de Dezembro de 2023 será levantado a bibliografia geral necessária para entendimento do tema central, seguindo por leituras específicas e logo sistematização do referencial teórico.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.** Brasília, DF, 1991.

BRASIL. Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. **Dispõe sobre apoio às pessoas de deficiência e sua integração social, e dá outras providências.** Brasília, DF, 1989.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. R. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur, **Rev. int. direitos humanos**, São Paulo, v. 6, n. 11, dec. 2009.

FIGUEIRA, Emílio. **Caminhando no silêncio**: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil. São Paulo: Giz Editora, 2008.

IBGE. **Pesquisa nacional de saúde 2019**: ciclos de vida. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>. Acesso em 12 mai 2023.

Boas Práticas e Acessibilidade para Inclusão da Pessoa Com Deficiências Sensoriais na Comunicação Digital de Organizações

Ariadne Botechia¹⁹

Introdução

Colaborar com a humanização e a comunicação mercadológica por meio de políticas que atendam a essas necessidades. Isso inclui começar desde a fase de concepção do plano estratégico das organizações, no capítulo de marketing, para garantir a incorporação desses valores em seus conteúdos, ou seja, poderá ser uma ferramenta adicional aos planos existentes, ou mesmo fomentar uma revisão dos mesmos.

Sem a intenção de criar ou revisar o Plano Estratégico dessas organizações, o objetivo é contextualizar e incorporar a acessibilidade no contexto do Plano Estratégico, especialmente no capítulo dedicado ao plano de marketing, propaganda e vendas. Isso será realizado por meio de orientações práticas guiadas por uma matriz e com o respaldo da governança corporativa, que deve patrocinar a acessibilidade como um componente estratégico.

Percurso metodológico

Para realização do presente estudo aplicou-se uma abordagem qualitativa para aprofundar o entendimento sobre o plano de marketing de empresas que disponibilizam e promovem produtos e serviços online (GIL, 2008). A fim de desenvolver o produto resultante da pesquisa aplicada, foi adotada a abordagem do estudo netnográfico, que abrange todo o ambiente digital, incluindo as novas mídias digitais e as mídias digitais (KOZINETS, 2010). Sua aplicação se justifica pelo fato de serem ambientes colaborativos nos quais a população estudada, que aqui se trata de pessoas com deficiência (PCD), possuem voz. Desse modo, há uma exposição de suas principais fragilidades ao consumir um produto ou serviço de forma digital.

Resultados e discussão

Diante de todas as informações citadas, levando em consideração que o modelo do produto é algo digital, os conceitos necessários abordados para a definição e implementação da matriz quanto guia, possuem foco em planejamento estratégico, plano de marketing, comunicação corporativa e opiniões de usuários.

Considerações finais

É recomendado propor a utilização da matriz para monitorar as ações contínuas e

¹⁹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. ariadne.botechia@unesp.br

revisar o planejamento estratégico em relação à comunicação acessível no ambiente organizacional. Isso deve incluir todas as vertentes do planejamento, garantindo que o plano de marketing abranja não apenas a organização em si, mas também todas as pessoas que utilizam seus produtos e serviços. É importante trabalhar na comunicação interna e externa, utilizando ferramentas de acessibilidade, em diferentes meios, sejam eles físicos ou digitais.

Referências

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 4.0: do tradicional ao digital**. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

SILVA, S. de A. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.38, n.2, jul./dez., 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGvvg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Comunicação organizacional, inovação, diversidade e pessoas com deficiência na visão de gestoras/gestores de recursos humanos

Gabriele Lauriano Silva²⁰

Maria Eugênia Porém²¹

Introdução

A pesquisa é baseada nas pautas sociais e ambientais que vêm sendo incorporadas pelas empresas em todo mundo, mais especificamente a temática da diversidade como um sistema de inovação e comunicação, na visão de gestores e/ou gestoras de recursos humanos e na inclusão de pessoas com deficiência nas organizações. Dessa forma, propomos estudar os conceitos de comunicação organizacional e a relação deles com a inovação e a diversidade nas empresas, sob o viés de gestores de recursos humanos, e dessa maneira identificar quais são as ações voltadas às pessoas com deficiência dentro das empresas.

O objetivo geral é entender como as organizações incorporam as pautas relacionadas à diversidade em suas atividades e práticas, destacando as práticas de inclusão das pessoas com deficiência. Os objetivos específicos são: a) entender como os gestores e/ou gestoras de Recursos humanos de empresas compreendem a diversidade e, em especial, a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente de trabalho; b) verificar se existem a incorporação de pautas e/ou práticas voltadas à diversidade ligada à inovação na comunicação das organizações; c) identificar possíveis marcas de capacitismo no discurso dos entrevistados.

Percurso metodológico

Para responder aos objetivos propostos na pesquisa, aplicou-se como metodologia a pesquisa de caráter conceitual e aplicada sendo realizada em dois momentos complementares. Em um primeiro momento se elaborou uma fundamentação conceitual feita por meio de consultas a fontes bibliográficas, tais como, livros, revistas, sites especializados, dentre outras fontes impressas, digitais e audiovisuais. E, em um segundo momento, realizou-se a pesquisa empírica com aplicação de entrevistas semiestruturadas junto a uma amostra de sujeitos que correspondiam ao perfil determinado: gestores e/ou gestoras de Recursos Humanos. Para a seleção da amostra, aplicou-se a técnica ‘bola de neve’ definida como uma “amostragem não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (Vinuto, 2014, p. 203).

Resultados e discussão

Com base nos preceitos da Análise Crítica do Discurso, em especial da

²⁰ Graduanda em Relações Públicas pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. gabriele.lauriano@unesp.br

²¹ Docente do curso de Relações Públicas e do Programa de Pós-graduação em Comunicação, ambos da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. maria.porem@unesp.br

interdiscursividade (Fairclough, 2003 apud Salles; Dellagnelo, 2019) foi possível perceber que a temática da inclusão ainda é muito incipiente nas empresas, já que no geral, a inclusão das pessoas com deficiência é vista apenas como uma obrigatoriedade a ser cumprida legalmente.

É importante ressaltar, que um dos pontos que foi destacado pelos respondentes é que muitos acreditam que a lei de cotas não é o caminho para a inclusão. A lei de cotas pode funcionar para algumas empresas, mas o caminho para a inclusão está na reestruturação da área de recursos humanos. Sendo assim, educar o RH e desenvolver o profissional que vai para o mercado de trabalho é essencial para evitar as "desculpas" que as empresas dão para a não contratação e inclusão de pessoas com deficiência em seus ambientes corporativos.

Ademais, é importante destacar que, para os respondentes, os desafios com relação à temática estão vinculados à uma visão muito arcaica que os times de recursos humanos têm, gerando até muitas das vezes uma polarização de ideias, o RH é a área da empresa que detém um certo poder, mas, em suma, não são os maiores tomadores de decisão. Nesse caso, a comunicação organizacional é essencial para garantir que as pessoas com deficiência se sintam pertencentes ao local de trabalho e inseridas na cultura da empresa.

Considerações finais

Levando em consideração os estudos aqui apresentados, ainda há muito a ser feito com relação a temática da inclusão de pessoas com deficiência, as organizações precisam compreender que o segredo não está em impor, mas sim trazer para dentro da comunicação organizacional o conhecimento da cultura, observando o público interno e externo e reforçando o quão importante é de fato entender a inclusão e replicá-la. Mas, tendo em vista análises apresentadas, destaca-se a seguinte questão: para promover um ambiente inclusivo, para as pessoas com deficiência, respeitando suas peculiaridades e necessidades, baseando-se na comunicação e na gestão da diversidade, é preciso que a área de recursos humanos passe por uma reestruturação, sendo educada, quebrando paradigmas e estabelecendo um novo ambiente de saberes? Esta é uma questão que vamos buscar compreender em análises mais profundas da pesquisa.

Referências

VINUTO, J. A relevante em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, pág. 203-220, 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/>>.

SALLES, Helena Kuerten de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. A Análise Crítica do Discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. **Organizações & Sociedade**, v. 26, p. 414-434, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/>>.

Acessibilidade na comunicação com pessoas com deficiência nas organizações: possibilidades

Guilherme Ferreira de Oliveira²²

Introdução

Uma organização se constitui de pessoas, ferramentas, estruturas, modelos econômicos, processos, produtos e serviços. Ela também é reconhecida como um espaço de trocas comunicativas e interações midiáticas (Oliveira; Paula, 2017). No ambiente organizacional, os sujeitos se apropriam de tecnologias, linguagens e processos para o exercício do trabalho e para a socialização. A partir de seus saberes prévios, “sob uma complexidade de operações, inventam maneiras de individualizar/apropriar as mensagens e seus respectivos usos, com base em “modos de operação ou esquemas de ações” que podem não estar conformados com a ordem dada” (Baldissera, 2001, p. 3). De Certeau (1994) explica que existem modos de produção que são combinações de operações que compõem também uma cultura, um modo de fazer característico de quem o faz.

No caso das pessoas com deficiências sensoriais, o exercício do trabalho e das práticas cotidianas pode estar condicionado à disponibilidade de recursos de acessibilidade, ferramentas e oportunidades. Este trabalho objetiva apresentar uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, cujo objetivo é compreender o fenômeno e a condição da acessibilidade como fator de potencialização da inclusão de pessoas com deficiência, na comunicação midiática e nas relações que acontecem no cotidiano organizacional, a partir de aspectos da pesquisa e da prática de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

Percurso metodológico

Realiza-se uma pesquisa bibliográfica, com a técnica de revisão narrativa de literatura, e uma pesquisa de campo. A técnica a ser utilizada será a entrevista em profundidade com pessoas com deficiência, de forma que as respostas possibilitem a apreensão de suas percepções sobre a acessibilidade na comunicação organizacional (interna) e um levantamento de possíveis recursos de acessibilidade. Todos os dados coletados serão analisados a partir da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 2016).

Resultados e discussão

A pesquisa bibliográfica já realizada resultou na sistematização de inter-relações entre acessibilidade para pessoas com deficiência e o campo da Comunicação Organizacional e das

²² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru. Graduado em Relações Públicas pela mesma instituição. guilherme.f.oliveira@unesp.br

Relações Públicas: 1) o campo acadêmico carece de estudos, sendo os poucos existentes presentes apenas em outras áreas e somente em anais de congressos de comunicação; 2) a comunicação enquanto dimensão das organizações circula sentidos estigmatizantes/de exclusão, mas também possui potencial transformador da cultura, contanto que seu valor seja reconhecido pelos tomadores de decisão; 3) a prática profissional de Relações Públicas pouco considera a acessibilidade, entretanto, pode amplamente incluí-la em uma dimensão técnica e operacional: considerar a utilização de recursos de acessibilidade na concepção dos produtos/serviços comunicacionais.

Considerações

Como a pesquisa está em andamento, os próximos passos são: elaboração de questionário para apreensão das experiências das pessoas com deficiência; definição dos entrevistados e a partir de quais critérios. De forma geral, a pesquisa já resultou em alguns frutos: sabe-se que a comunicação possui um papel fundamental para a inclusão nas organizações, em especial as Relações Públicas e seu compromisso com o meio social. Falta compreender o “como” e “o que” é necessário, na perspectiva do público com deficiência.

Referências

BALDISSERA, R. Estratégia, comunicação e Relações Públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8139078556980663261068270533436049754.pdf>>. Acesso em 20 nov. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. rev. e actualizada. Lisboa: Edições 70, 2016.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, I. L.; PAULA, M. A. Aproximações entre a prática da Comunicação Organizacional e a produção acadêmica do campo. **Revista ALAIC**, v. 14, n. 27, p. 374-384, 2017.